

SOBRE O NATURAL

Por Carolina Cunha Pereira Frutuozo

“Amar em tempos de ódio é um ato revolucionário”. É isso que leio todos os dias em um muro em frente ao meu trabalho. Leio, mas não acredito. Vivemos em tempos em que já é difícil acreditar no amor, imagine em revoluções. São tempos em que o ódio desfila nas ruas sem pudor, é financiado, teorizado, defendido com paixão. Com tanto ódio no ar, sobram motivos para a revolta. Sendo assim, imaginei que seria fácil achar um tema para escrever uma crônica de protesto contra o ódio e a desordem do mundo. Mas não foi.

Primeiro, pensei no óbvio: Escrever sobre a política atual. Revelar a realidade sobre crise econômica, desmonte neoliberal e risco de uma nova ditadura. Explicitar a recente convivência dos moralistas que iriam acabar com os corruptos um por um. Denunciar milícias e ministérios que viraram manicômios, ou apenas revelar a estupidez daqueles que bateram panelas e hoje comem com cara de tacho o pão que o diabo amassou. Afinal, é raciocinando que se combate algo tão irracional quanto o ódio. Comecei o texto, mas no meio dele percebi que reflexões sobre a realidade não acabariam com todo o rancor. Pelo contrário, elas poderiam gerar mais ódio nos leitores mais fanatizados e reificados (sim, são tempos em que convites ao raciocínio geram ódio). Não acabei o texto. Senti medo de me tornar um *Profeta Gentileza* às avessas, fazendo ódio gerar mais ódio. Quer saber? Ainda bem que não prossegui, no fim apenas gastaria palavras para ouvir como resposta os clichês escabrosos de sempre, de bocas possuídas por ideias que não lhes pertencem. Minhas palavras não mudariam todo o estrago intelectual feito por tanta propaganda midiática, nem o rancor automatizado pela *indústria do ódio 4.0*. Além do mais, tudo isso que está acontecendo é normal, não é? É a lei do mundo, não tem mudança. Vida que segue.

Pensei, então, em escrever sobre algo mais óbvio: Sobre a política atual, mas sob a visão dos antolhos da ignorância. Pensei em amaldiçoar *Karl Marx* sem ter lido nem mesmo o título de seus livros. Em repetir informações falsas que tornam a nossa dura realidade mais conveniente à elite. Sei lá, confesso que pensei em defender a fonte do ódio para tentar melhorar o conteúdo que dela sai, da maneira como se consegue melhorar o doce elogiando a doceira. Confesso que pensei, infantilmente, que ficar do lado da arma me pouparia de ser baleada; se estou do lado do ódio nunca serei alvo dele, certo? Errado. Eu poderia até ficar protegida de um eventual

ODISSEIA
Literária

N.º 1, vol. 2, 2021

ódio por brutamontes, empresários pitorescos e policiais militares, mas a histórião me pouparia desse gentil polimento no assoalho do fascismo. Se a história sobreviver à pós-modernidade, eu seria conhecida como aquela que tornou o ódio palatável. Enfim, não seiporque estou perdendo tempo em devaneios sobre o que seria: O texto nunca aconteceu. Não tive coragem de defender o indefensável. Também seria um texto inútil! Apenas mais um textoruim entre tantos que vagam no *twitter*, *whatsapp* e *blogs* de *pseudo-mídia* financiada por grupos econômicos. Hoje em dia, todos fazem isso, normal. No fim, eu desperdiçaria tempo e palavras promovendo o ódio ao invés de suprimi-lo, e ainda por cima deixaria os ricos mais ricos enquanto minhas contas estão todas atrasadas. Além do mais, minha modesta revolta seria diluída em um mar de ódio fascista tupiniquim. Eu seria apenas uma *odiadora inexperiente*, condenada a aprender “lições” com “professores” que nunca foram alunos em lugar nenhum (e pensam que a terra é plana e kafta é nome de autor, mas isso é assunto para uma outra crônica). No fim, seria uma revolta normal. Um ódio patrocinando todo o ódio existente. Não mudaria absolutamente nada. Vida que segue.

Já em desespero, peguei o jornal em busca de alguma inspiração. Talvez uma crônica de revolta com reflexões mais comedidas? Se é na mão da cozinheira que se controla o tempero, se é na chama do fogareiro que se monitora o grau de fervura, se eu abrandar o tom de revolta, o ódio se amansará também? Gostei da ideia e comecei a caçar temas mais *light* -sem os quilos extras da polarização política- que pudessem instigar reflexão sem exaltar os ânimos. Até que consegui alguns temas interessantes! Violência policial, censura, aumento da miséria, perda de direitos sociais, massacre de indígenas, pessoas em situação de rua, a destruição da Amazônia... Temas complexos, desses que aparecem em jornal burguês com overniz intelectual da seriedade acadêmica, mas que, no fundo, só servem para a elite escrever boas dissertações para passar no vestibular. Bem, a ideia era ótima, mas adivinha? Desisti de fazer o texto sem nem mesmo começar, porque todos esses temas são *normalíssimos*! Tão normais que acontecem há décadas e ninguém se importa. Também são temas brandos até demais, tão brandos que ninguém mais esboça reação ao ouvi-los. Como eu poderia acabar com o ódio tratando que temas que não despertam emoções? Como poderia produzir revolta tratando de temas que não revoltam? Minhas palavras provocariam apenas a revolta de todos os que acham tudo isso normal. Meu texto poderia até aparecer em um livro ou jornal, poderia me dar uma vaga em alguma universidade renomada, mas não mudaria *nada*. Fazer o quê. Vida que segue.

Fracassei nos temas mais óbvios, então tentei escrever sobre as questões mais delicadas: As questões morais e individuais. Se o mundo está tão ruim e há tanto ódio nas ruas, deve ser culpa dos *degenerados* que

ODISSEIA
Literária

N.º 1, vol. 2, 2021

subvertem os bons costumes e a moral. Deve ser culpa dessa gente *queer* e das minorias, ou então dos menos favorecidos que fazem os “*cidadãos de bem*” sofrerem... Bem, minha revolta contra os oprimidos nem saiu do plano das ideias. Afinal, se o ódio nasce do ato de odiar, não faz sentido odiar para acabar com o ódio. O ato de eleger bodes expiatórios nunca eliminou o desconcerto e o ódio do mundo, apenas conduziu à eliminação de suas vítimas. Também, confesso, eu não tinha o que colocar no texto! Não achei clichês preconceituosos na minha bagagem cultural, nem argumentos pré-fabricados. Que bom que não deu certo, pois se eu continuasse, seria, no fim, uma revolta normal. Seria mais um cordial afago nas divergentes cabecinhas do Cérbero do fascismo; novamente, ódio infundado gerando mais ódio infundado, algumas religiões já fazem isso há séculos, algumas doutrinas já fazem isso há décadas! O que há de novo em odiar o diferente? Normal. Então, deixemos os bons costumes aos acostumados, e toda a moral antiética aos (que acreditam ser) diferenciados. É a lei do mundo, não tem como mudar, vida que segue, deixa para lá.

Já prevendo o total fracasso desta crônica, tentei direcionar minha revolta não mais contra as consequências, e sim contra as fontes de todas as mazelas. Decidi escrever contra o sistema capitalista, contra o imperialismo, o patriarcado. Enchi-me de teorias e argumentos, revisei autores, escrevi alguns bons parágrafos. Mas, no fim, amassei a folha e joguei bem longe de mim. Senti-me ridícula. Erudita, inteligente, porém, normal. Afinal, não existe nada mais normal do que se rebelar contra o que é considerado normal. Vivendo há pouco mais de cinco séculos nesse pano de fundo deprimente –no caso do Brasil, eternamente em berço escravista e colonial-, seria quase impossível sugerir outro cenário para a tragédia que somos obrigados a encenar. Seria como ser ateu na Idade Média, seria como dizer aos servos daquele tempo que existe mundo além do feudo. Impossível. Além do mais, nada é mais normal do que se rebelar com palavras bonitas, mas viver normalmente nessa realidade especulada por investidores estrangeiros. Revoltar-se na ficção, mas viver mansamente em eterno *circuit breaker*, com atitudes comedidas, sonhos privatizados, metas pessoais inflacionadas e ilusões... normais. Não. Seria uma revolta normal, tão pop quanto uma lata desopa feita por *Andy Warhol*.

Confesso, leitor, que havia desistido da crônica. Três páginas inteiras e, mesmo com tanta coisa para discorrer, não conseguia produzir nada além do normal. Em tempos de ódio, minha revolta não era nada revolucionária, parecia ineficaz, clichê, normal. Tão normal que metirava o prazer de me revoltar e a esperança de conseguir mudar alguma coisa. Porém, de repente, perto daquele muro pichado apareceu um senhor negro com um carrinho. Ao lado dele, uma criança de, no máximo, sete anos. Avô e netinho. Ambos

ODISSEIA
Literária

N.º 1, vol. 2, 2021

reviravam o lixo, procurando recicláveis. Foi assim que, em tempos de ódio normal, um amor surreal invadiu meu peito e fez uma revolução inexplicável contra toda a minha apatia. Um homem negro revirando lixo? Normal! Criança junto? Normal! Sem emprego? Normal! Sem escola? Normal! Sem aposentadoria? Normal! Sem a possibilidade de sonhar? Normal! Sem direitos? Normal! Poderiam estar fazendo qualquer outra coisa menos humilhante? Normal! Dois talentos desperdiçados? Normal! Tudo naquela cena era “normal”. Tudo aquilo é a lei do mundo, “não tem mudança”. Mesmo assim, aquela empatia clandestina fazia meu peito doer. Não sei se doía de amor, em tempos de ódio. Ou se doía de ódio, em tempos de crescente desamor. Sei que não era uma dor “normal”. Não era desprezível, nem tolerável, era um incômodo real. Eu poderia fechar a janela e dizer que aquilo é normal, poderia afirmar que não posso fazer nada e que a vida segue..., mas a dor continuaria ali.

De fato, a dor só passou quando eu fiz algo por aquelas pessoas. Não, eu não fiz nenhuma revolução, não mudei a ordem das coisas, não derrubei o presidente, não acabei com o fascismo, não alterei a moral e os bons costumes, não fiz dissertações bonitas em revistas. Eu só distribuí um pouco de amor, em tempos de ódio; um pouco de empatia, em tempos normais. Eles não deixaram de coletar recicláveis, mas abriram um sorriso bonito, satisfeitos por serem notados. Depois daquilo, eles começaram a existir no mundo normal, mais pessoas lhes enxergaram, mais comentários, mais comoção, mais indignação, mais ajuda, mais ações, conselho tutelar entrou para o meio... e assim começou uma cadeia de *desnormalização* do mundo. Em meio a tanto ódio e a tantos motivos para a revolta, de fato, somente o amor foi efetivamente revolucionário. Se o mínimo de amor fez algo considerável, imagine quantas mudanças um mundo cheio de amor faria? Foi então que percebi, *aos quarenta e cinco minutos do segundo tempo do último parágrafo*, que minha crônica de revolta, na verdade, deve ser sobre o tal “normal”. Essa crônica deve ser sobre tudo o que nos acostumamos, o invisível, o que nunca muda, nem nunca mudará. Essas palavras têm que falar sobre o que não fazemos e o que nunca podemos fazer, sobre a distopia *pop* em que vivemos alegremente a cada dia normal, sobre a nossa vida que segue, achando qualquer absurdo normal. Sobre o “natural” que trata suas mazelas como sobrenaturais. Infelizmente, não tenho mais espaço, gastei meus parágrafos com ódios inúteis. Porém, sinto que nem preciso: Vou fazer essa crônica toda abstrata, sublime, inefável, inatingível, como o sentimento mais guerrilheiro de todas as emoções. Vou fazê-la imaginária, como personagens de livros, para que todos os pensamentos nela se unam. Vou fazê-la transparente, para que a realidade seja fácil de enxergar; vou fazê-la macia para que toque todos os corações, e firme para que seja um caminho a seguir. Vou fazê-la fluida, para diluir todo esse ódio. E, no fim, minha

ODISSEIA
Literária

N.º 1, vol. 2, 2021

crônica de revolta será apenas um simples amor, porque o amor é sempre um ato revolucionário.